



**"QUEM SÓ PASSA DE CARRO NÃO CONHECE NADA DAQUI": CONSIDERAÇÕES SOBRE COTIDIANO, DESIGUALDADE E SOCIABILIDADE NO BEXIGA (SP) CONTEMPORÂNEO**

*"Those who only pass through don't know anything about here": considerations about daily life, inequality and sociability in contemporary Bexiga (SP)*

**Madalena Pedroso Aulicino**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7851122716655864>

E-mail: mada.lzt@usp.br

**Adriana Casarotto Terra**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6564355470320116> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0033-4698>

E-mail: adriterra@gmail.com

Trabalho enviado em 24 de agosto de 2021 e aceito em 03 de outubro de 2022



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 15, N.02., 2023, p. 944-967.

Madalena Pedroso Aulicino e Adriana Casarotto Terra

DOI: 10.12957/rdc.2023. 61872 | ISSN 2317-7721

## RESUMO

O artigo tem como objetivo o estudo das relações de pertencimento e das percepções do espaço no Bexiga, Distrito da Bela Vista, região central de São Paulo, no início do século XXI. Para isso, tem como método entrevistas qualitativas com moradores, observação participante e a articulação de referências da literatura dos estudos urbanos e dos Estudos Culturais. Os resultados mostram vivências complexas e permanências no tempo, 140 anos após a fundação do Bairro e após décadas de espoliação urbana e transformações, destacando-se nesse panorama as assimetrias de acessos, a formação de comunidades, a existência de territórios, a importância das relações e o protagonismo da rua. Observa-se que as experiências transcorridas ali disputam um imaginário e uma identidade de centro – ou de bairro como um produto turístico, sem contradições – continuamente forjados para a Cidade. O artigo tem como principal contribuição considerações sobre o papel do espaço vivido e das práticas da rotina no tensionamento de discursos hegemônicos sobre São Paulo.

**Palavras-chave:** pertencimento, sociabilidade, identidade, cotidiano, segregação.

## ABSTRACT

The article aims to study the relationships of belonging and the perceptions of space in Bexiga, District of Bela Vista, central region of São Paulo, at the beginning of the 21st century. For this purpose, it uses interviews with residents, participant observation and a combination of references from the literature of urban studies and Cultural Studies. The results show varied experiences and permanencies in time, 140 years after the foundation of the neighborhood and after decades of 'urban spoliation' and transformations, highlighting in this panorama the asymmetries of access, the formation of communities, the existence of territories, the importance of relationships and the role of the public space. The study observes that the experiences that take place there dispute an imaginary and an identity of downtown of São Paulo – or of a neighborhood as a tourist product, without contradictions – continuously forged for the City. The article has as main contribution considerations about the role of lived space and routine practices in tensioning hegemonic discourses about São Paulo.

**Keywords:** belonging, sociability, identity, daily life, segregation.



## 1. INTRODUÇÃO

"Quem só passa de carro não conhece nada daqui, agora quem anda, circula, convive é outra pegada, outra batida", diz o morador Jorge. "Hoje eu enxergo a Bela Vista como a última comunidade central que lutou muito", define a ex-moradora Silvia, produtora cultural nascida em Minas Gerais e trazida com poucos dias ao endereço da tia, costureira, na rua Major Diogo nos anos 1970, tendo vivido no Bairro por quatro décadas, mudando-se na última década para um distrito central da Zona Leste em virtude dos aluguéis caros.

As frases foram ouvidas entre 2019 e 2020 durante a pesquisa que dá origem a este artigo, fruto de dissertação cujo trabalho de campo envolveu observação participante, caminhadas e anotações cotidianas por três anos, além de entrevistas qualitativas com onze moradores, entre homens e mulheres na faixa dos 30 aos 80 anos, negros (pretos e pardos), brancos e amarelos (uma pessoa ouvida), situados socioeconomicamente entre as classificações B1 e D<sup>1</sup>, nascidos ou não ali. Dez deles foram ouvidos presencialmente, em conversas gravadas com a autorização dos mesmos em seus locais de moradia, lazer ou trabalho, e as entrevistas seguiram um roteiro de perguntas, adaptado com mais ou menos questionamentos conforme o contexto permitiu.

De um lado, observa-se que o Bairro, parte de um dos primeiros pedaços urbanizados da Cidade, é marcado pelo privilégio da localização: a proximidade da infraestrutura de transporte, comércio, saúde, trabalho e educação; estar perto de "cartões postais", de lugares amplamente reconhecidos, do centro econômico e do centro antigo. Essa condição o situa em São Paulo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando a ocupação da Cidade se expandia para as bordas, fruto da espoliação da população mais pobre e negra da região central. De outro, nota-se que ele é marcado pela desigualdade de acessos, de condições de moradia e de renda convivendo muito próximas.

Há ainda, em meio a isso, as formas de viver. Brincar na rua, morar coletivamente não deveriam ser por si só condições "piores", isoladas de seus contextos (que podem ser deficientes, como não ter um espaço doméstico digno), mas, na produção do espaço urbano paulistano, foram hierarquizadas dessa forma – a depender muito de classe, cor/raça e origem social das pessoas envolvidas. Além disso, futebol de várzea, empinar pipa, churrasco na calçada e festa infantil no bar compõem paisagens destacadas no centro de São Paulo, conectadas ao imaginário da região?

---

<sup>1</sup> Segundo Critério Brasil-Abep 2018.

A partir de uma reflexão com base em conceitos dos Estudos Culturais, articulando autores também de outras áreas, sustenta-se a hipótese de que há uma complexidade de vivências no Bexiga que abriga desde conflitos que se reencenam até a criação de comunidades, em um pertencimento em que por vezes coexistem as ideias de centro e "quebrada", disputando uma identidade e um projeto de centro dos mais ricos, europeizado, embranquecido, do predomínio dos prédios de alta renda e do lazer intramuros, mais entendido como lugar de passagem, sugerindo outras histórias.

O artigo trabalha o conceito de tradição seletiva (WILLIAMS, 2011) e também utiliza a expressão "enganar o olho" (SODRÉ, 2002) para abordar a hegemonia da memória italiana do Bairro, em detrimento da memória da população negra afro-brasileira e da população nordestina que há mais de seis décadas é crescente ali, apontando a necessidade de discutir o multiculturalismo local de forma crítica – já que esse multiculturalismo pode ser pensado ignorando as suas contradições, em uma leitura corporativa que busca "'administrar' as diferenças culturais da minoria, visando interesses do centro", ou pode ser pensado enfocando "o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência" (MacLaren, 1997, apud HALL, 2003, p. 53).

O texto destaca também a permanência parcial de pequenos comércios, prestação de serviços, pensões e cortiços, características que sobrevivem de forma negociada, em meio a alterações e constantes ameaças de transformações do espaço. Observa, por fim, como o sentido de bairro opera nas relações humanas – "o espaço vivido como revelador das realidades regionais" (FRÉMONT, 1980) –, nos encontros, nas dinâmicas entre as territorialidades, frisando o valor das práticas de lazer e do uso cotidiano da rua que dão uma "cara" e imprimem um ritmo ao local, articulando as ideias de culturas residuais (WILLIAMS, 2011) e de espaços opacos (SANTOS, 2006).

## 2. PENSAR ALÉM DE UMA TRADIÇÃO SELETIVA

A formação do que hoje é o Distrito da Bela Vista, entre o centro antigo e a avenida Paulista, envolveu em diferentes proporções e em diferentes épocas povos indígenas, portugueses, africanos e italianos, além de espanhóis, sírios, libaneses, franceses e ingleses, bem como os seus descendentes brasileiros. Desde a metade do século XX, vem envolvendo migrantes de diversos Estados do Nordeste, em uma contínua construção do espaço. Há, porém, uma versão mais notória para a sua origem, especialmente no que se refere à área do Bexiga (nomenclatura inicial de toda a região, hoje adotada especialmente para o pedaço mais baixo dela). A história deste como um bairro preponderantemente italiano se tornou comum nos discursos veiculados pela imprensa, pelo poder público e pelas artes (filmes,



novelas e outras plataformas culturais), influenciando o imaginário popular, especialmente entre quem não conhece a Região. Na década de 1970, iniciativas de apelo turístico tiveram papel nessa produção de memória.

Neste início do século XXI, é possível no entanto perceber uma série crescente de trabalhos acadêmicos, audiovisuais, livros, roteiros guiados e reportagens na busca por tornar mais conhecida e valorizada a presença e a importância da população africana ali – que, junto da italiana, representou a maioria dos habitantes do Bairro na virada do século XIX para o XX, período de seu loteamento –, fazendo referência ao fato de o local ter sido estratégico para a resistência de escravizados, com evidências de um quilombo na área do Vale do Saracura (LOPES DE LIMA, 2020), onde nasceu e hoje resiste a quadra do Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Vai-Vai<sup>2</sup>, e no pós-Abolição ter sido lar da população negra expulsa do centro antigo de São Paulo (NASCIMENTO, 2016, p. 109) ou vinda do interior do Estado atrás de trabalho. Importante aproximar a esse movimento, a fim de contextualizá-lo, a amplificação de reivindicações de movimentos sociais acerca do reconhecimento da história de populações afro-brasileiras na Cidade, bem como o aumento de estudantes negros nas universidades por meio de políticas públicas, o que vem significando tanto mais pesquisas sobre o assunto quanto maior visibilização de investigações, fontes e registros anteriores que servem de aporte a esse debate, dando ênfase à discussão étnico-racial nos estudos urbanos, fundamental para a compreensão das cidades.

Ao falar do Bexiga, cabe ainda destacar a desproporção entre a forte presença e os poucos registros de memória de populações vinda de Estados do Nordeste (tais como Ceará, Paraíba, Maranhão e Bahia) no Bairro, ainda que este também seja um processo que começa a se transformar – em 2021 foi lançado o documentário "Oxente, Bixiga"<sup>3</sup>, sobre histórias de migrantes ali. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um salto populacional entre 1950 e 1960 no Distrito da Bela Vista, período que marca a chegada de muitas pessoas nordestinas a São Paulo.

Ao processo que levou essa narrativa do "bairro italiano" a se tornar prevalecente, o conceito de tradição seletiva parece ajudar na leitura. Para o pesquisador britânico Raymond Williams (2011), toda tradição, em uma cultura em que há jogo de forças, depende de uma escolha. Não existe tradição neutra onde há desequilíbrio de poder – mesmo que se trate de poder relativo, e que não exista uma

<sup>2</sup> No segundo semestre de 2021, inicia-se processo de mudança de endereço da quadra, após cinquenta anos naquele local, com a compra da área no cruzamento das ruas São Vicente, Cardeal Leme e Lourenço Granato pela concessionária da Linha 6 do Metrô. A escola de samba surgida em 1930 na rua Rocha anuncia nova sede (em fase de construção no primeiro semestre de 2022) em rua próxima, a Almirante Marques Leão, ainda na área do Vale do Saracura. No entanto, os ensaios a céu aberto, na rua, que faziam daquele entroncamento um lugar de grande valor para a comunidade, com isso devem migrar para um ambiente fechado.

<sup>3</sup> O documentário tem direção de Fernanda Vargas e Daniel Fagundes.

intencionalidade declarada em apagar outras culturas. A questão é como uma tradição pode se apoiar sendo do interesse da estrutura dominante, firmando-se, em detrimento de outras:

Além disso, em um plano filosófico, no plano teórico verdadeiro e no plano da história das várias práticas, há um processo que chamo de "tradição seletiva": o que, nos termos de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como "a tradição", "o passado significativo". Mas sempre o ponto-chave é a seleção — forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são escolhidos e enfatizados, enquanto outros significados e práticas são negligenciados e excluídos. (WILLIAMS, 2011, p. 54)

Essa ênfase mencionada por Williams (2011) pode ser percebida na forma como a memória do país europeu foi mais produzida e exaltada ali e, mesmo com mudanças em curso, seus reflexos ainda puderam ser observados em campo, como ao ouvir moradores associarem o nome Bexiga ao lado entendido como mais italiano, no entorno da Igreja Achiropita. Schneck (2010) aponta em seu trabalho a dificuldade de mapear moradores negros do Bairro no início do século, revelando uma desigualdade de documentação, de registros. Entende-se aqui que a importância de localizar as identidades envolve a discussão sobre memória, patrimônio e cultura, mas também a reflexão sobre ocupação do espaço, infraestrutura e acesso. Onde estão e como vivem as diversas populações do Bexiga? É questão de poder: seja para deixar o nome na história, seja para adquirir terra. A seguir, a planta mostra a região em 1881, três anos após a oficialização do Bairro pelo poder público.

Figura 1 - Região do Bexiga em 1881

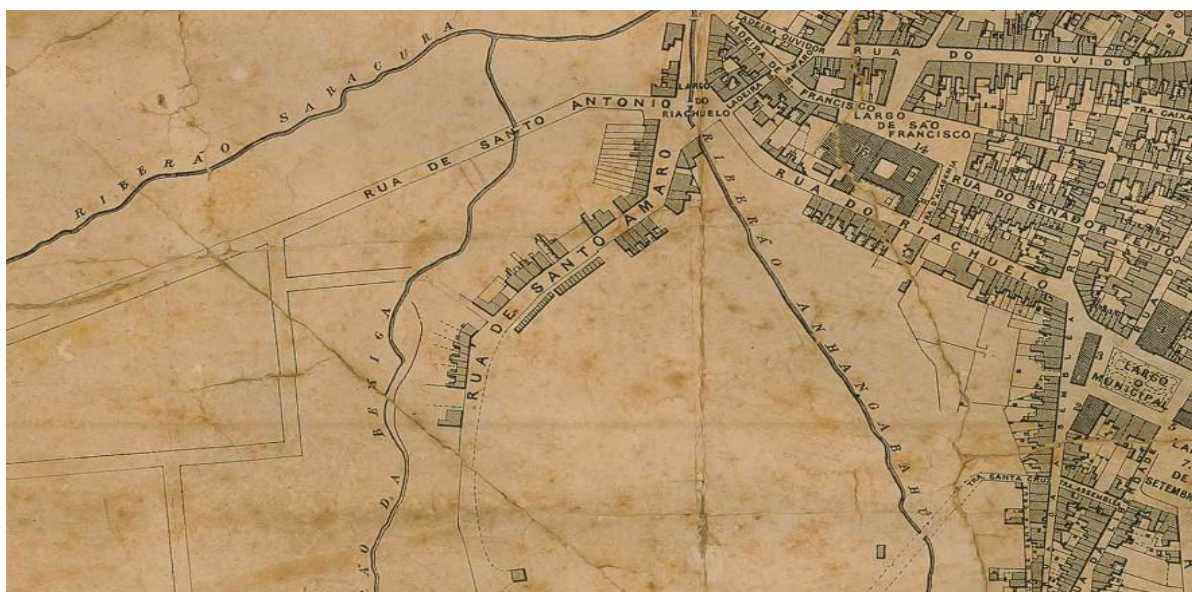


Figura 1 - Detalhe de planta de São Paulo feita pela Companhia Cantareira e Esgotos em 1881 mostra a região do Bexiga (entre os ribeirões Anhangabaú e Saracura). Escala: 1:100. Fonte: Sempla



Parte do primeiro anel de expansão urbana de São Paulo, o Bexiga foi loteado entre o fim de 1870 e 1890, com base nos caminhos utilizados pelos moradores da Cidade e nos limites espaciais delimitados pelos rios Saracura e Bexiga. Mas o espaço só passa a existir após o seu loteamento? Certamente não. A população africana que vivia ali precedeu a chegada das levas de imigrantes europeus no fim do século XIX. Wissenbach aponta a região como uma "área de ocupação antiga e historicamente demarcada pela existência de redutos de escravos fugidos, forros e africanos livres da época do Império, nos inícios do século" (1998, p. 115-117). Um texto do jornal Correio Paulistano de 3 de outubro de 1907 se refere à região da várzea do rio Saracura como "um pedaço da África" (apud Kogurama, 1999, p. 93). A noção de "enganar o olho" empregada por Sodré (2002) também é pertinente para pensar essa tradição seletiva, vislumbrando modos de driblá-la:

A casa demonstra como "enganar o olho" era uma operação generalizada na sociedade brasileira. Buscava-se a todo custo uma aparência de território metropolitano e de tal intensidade ilusória que produziu a convicção do "ser". "Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiraram de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas e europeias, cuja operação exigia o afastamento do escravos e onde tudo ou quase tudo era produto de importação"<sup>4</sup>. (SODRÉ, 2002, p. 36, grifo nosso)

Ao refletir sobre a memória do Bairro, portanto, é preciso ir além do espaço edificado de influência arquitetônica europeia, bastante associada aos italianos<sup>5</sup>, e entender a dinâmica da ocupação das casas e demais construções características do Bairro, abordando os diversos usos desses lugares, centralizando as diversas populações que vivem nele e o dia a dia que existe ali. Se buscou-se produzir e conferir mais valor a uma paisagem que prioriza determinadas identidades e maneiras de vida em sua estética, como outras identidades e maneiras de vida podem ser percebidas e como elas estão o tempo todo construindo também essa paisagem a partir do cotidiano (ou seja, essa paisagem também é parte da história delas, de todos que ali habitam), criando camadas de memórias e narrativas?

<sup>4</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. Arquitetura residencial brasileira no século XIX, pp. 14-5 (manuscrito). Cf. Schwarz, Roberto. In: Ao vencedor as batatas. São Paulo: Editora 34, 2000.

<sup>5</sup> Há algumas imprecisões e senso comum na associação totalizante da arquitetura local com os imigrantes italianos que valem registro. No artigo "Para uma história dos Arcos do Bixiga", Jayo e Vargas (2020) contam, por exemplo, acerca da obra do título, que "embora muito seja dito hoje a respeito de os arcos terem sido construídos com técnicas tradicionais por imigrantes calabreses instalados na região, não foi possível encontrar qualquer informação a respeito da origem ou nacionalidade dos operários que realizaram a obra". O artigo diz ainda: "Longe de serem produzidos artesanalmente pelo engenho de mestres calabreses segundo sua cultura tradicional, os tijolos sílico-calcários eram uma inovação na São Paulo das primeiras décadas do século 20, surgindo como concorrentes aos tijolos de argila, comumente utilizados até então. A origem desse material não se deu na Itália, mas sim na Alemanha (...)".

O trecho do depoimento a seguir, do ex-morador Marco Antônio Carneiro, 58 anos, analista de sistemas e músico, paulista, negro, nascido e criado no Bairro, com quem a pesquisadora conversou em 2019 no Distrito de Itaquera, para onde ele se mudou há duas décadas, ajuda a pensar sobre a centralidade dos usos do espaço, da vida que ocorre nele, e o pertencimento que isso gera:

É um Bairro com várias classes sociais. Os italianos tinham uma posição financeira melhor, mas eram da quebrada ali. Eu tinha uma visão romântica, mas eu prefiro ficar com ela, de que todo mundo era amigo. Ali na 13 de Maio tinha um clube dos italianos, passando a rua Luís Barreto do lado direito. Tinha esse clube, mas a negrada invadia ali, discutia futebol, comendo feijoada, fazendo churrasco. Claro, eles mantinham aquilo e não tinha como xingar, mas para nós ali era um lugar nosso, não era dos italianos. Era o lugar em que a gente se encontrava. (em entrevista a TERRA, 2021, p. 39, grifo nosso)

Abaixo, dois sobrados com arquitetura característica do Bairro mostram a diversidade de práticas nas casas por ali – uma diversidade importante para se pensar o cotidiano local –, envolvendo pequeno comércio (bar, mercearia, restaurante) e moradia compartilhada.

Figura 2 - Usos múltiplos das casas e demais construções

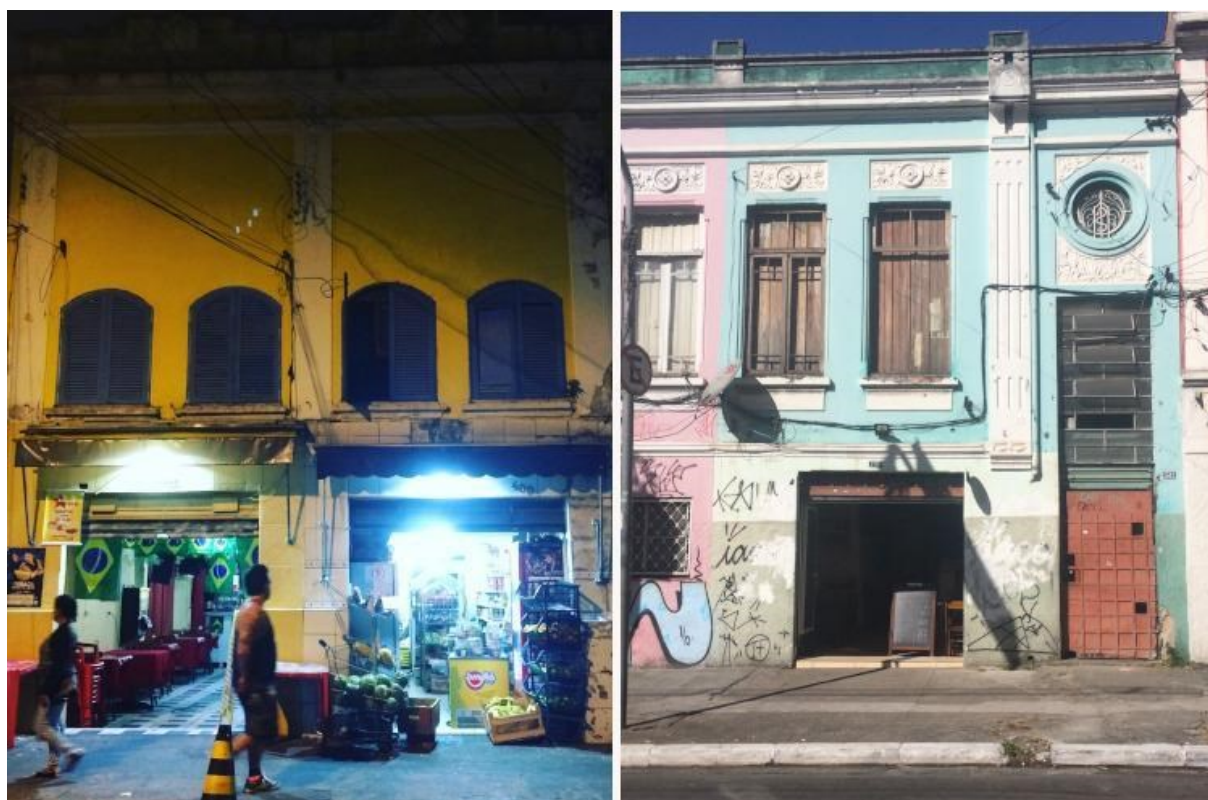


Figura 2 - Casas do Bexiga e seus usos: comércios de moradores locais no térreo, moradias de populações de origens variadas em seus cômodos; registros de 2019 | Fotos: Adriana Casarotto Terra



É interessante também refletir sobre o quanto, na atualidade, os edifícios levantados a partir da segunda metade do século XX, em especial nas bordas do Bairro – já que instrumentos urbanísticos<sup>6</sup> têm, em certa medida, protegido o miolo –, não são uma nova forma de "enganar o olho" ao construir um imaginário de cidade que continua partindo dos interesses de quem tem mais poder econômico, embora com diferentes tipologias e estéticas. Sobre essas representações, esse projeto de cidade, vai dizer Schneck (2018, p. 41):

(...) no decorrer do século XX assistimos à construção de uma certa história na qual alguns estereótipos foram dados como traços determinantes da metrópole: a cidade ordenada (legal e espacialmente) segundo preceitos ideais, visto que resultante de um supostamente correto modelo europeu; a cidade convenientemente branqueada pela presença do imigrante (também) europeu, principalmente o italiano; a cidade cosmopolita, onde a coexistência de diferentes culturas supostamente lhe conferia um caráter democrático e, por extensão, oportunidades iguais para todos; a cidade dinâmica, onde o valor do trabalho, definido pela máxima "São Paulo não pode parar", funcionaria como o motor propulsor do progresso do país; enfim, uma cidade moderna representada pelo espaço público adequado às suas (novas) necessidades e pela arquitetura imponente de edifícios públicos e privados. Contudo, a manutenção desses predicados no imaginário urbano tem como consequência funesta a perpetuação de preconceitos geradores de práticas sociais excludentes. Ao mesmo tempo, e até em consequência disso, tais atributos alimentam outro processo funesto: o ressentimento (inconsciente) da maioria daqueles que estão envolvidos nessa lógica perversa de exclusão, as camadas mais pobres da população. (grifo nosso)

Cabe contextualizar que o imaginário de centro se transforma ao longo do século XX, com deslocamentos, mudanças na composição social da região e nas ocupações do espaço. No entanto, percebe-se no campo deste estudo que a categoria "centro" permanece como indicativo de um local do movimento, da circulação de pessoas, do trabalho, das possibilidades de acessos, bastante verticalizado em sua paisagem e também bastante infraestruturado.

Voltando à Schneck, a pesquisadora frisa (2018) como, embora hoje se fale mais da população negra no Bairro e do multiculturalismo local, isso não significa condições iguais de reconhecimento, oportunidades – fato que as entrevistas confirmaram. Se as características do Bexiga evocam de fato a presença de muitas culturas, é verdade também que esse multiculturalismo pode ser pensado ignorando as suas contradições, em uma leitura que busca "'administrar' as diferenças culturais", "visando interesses do centro", ou pode ser pensado enfocando "o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência" (MacLaren, 1997, apud HALL, 2003, p. 53). Defende-se aqui que, ao não se

<sup>6</sup> O distrito da Bela Vista foi tombado em 2002 – com a salvaguarda de casas, conjuntos arquitetônicos e áreas como a da Grotta – e tem ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social), porções destinadas à moradia digna para a população de baixa renda. Entretanto, são recorrentes investidas de construtoras que pouco dialogam com o território.

adotar a segunda opção, faz-se a manutenção da tradição seletiva. Nesse sentido, Williams (2011, p. 54-55) vai alertar que essa seleção pode até acomodar ou tolerar outros significados, mas "reinterpretados, diluídos ou recolocados de formas que dão suporte ou, ao menos, não contradizem os outros elementos dentro da cultura dominante eficaz". Diz a historiadora:

Atualmente, embora a presença dos afrodescendentes seja um fato reconhecido, sua importância aparece reduzida cultural e espacialmente: de um lado, porque limitada aos eventos culturais dados pelo calendário festivo da cidade – o Carnaval –; de outro, porque retringe sua presença ao Vale da Saracura, supostamente a única área ocupada por esse segmento social. (SCHNECK, 2018, p. 44)

Apesar dessa importância reduzida no calendário festivo da Cidade, que tem no Bairro, além do Carnaval, os seus maiores símbolos na Festa da Achiropita e no Bolo do Bexiga (celebrando o aniversário de São Paulo), um olhar para o cotidiano é revelador de outros eventos e simbologias. Abaixo, baianas de várias escolas de samba de São Paulo desfilam nas ruas do Bairro em cortejo para Ogum organizado pelo Vai-Vai, uma tradição que compõe o calendário de atividades da escola, para além do desfile de Carnaval, e evidencia uma das manifestações afro-brasileiras neste espaço.

Figura 3 - Sociabilidade, cultura e resistência nas ruas



Figura 3 - Baianas de diversas escolas de samba paulistanas subindo a rua São Vicente no tradicional cortejo para Ogum, organizado pelo Vai-Vai, em julho de 2017 | Foto: Adriana Casarotto Terra

Autores como Castro (2008), Gonçalves (2014) e Schneck (2010) localizam em seus textos a presença africana no Bairro: "Sem dúvida, depois dos calabreses, o grande contingente numérico será o de negros, que ocuparão majoritariamente aquilo que será conhecido por muitos anos como o quadrilátero negro ou da Saracura, formado pelas ruas Rocha, Almirante Marques Leão e Una" (CASTRO, 2008, p. 62); "A população negra, marginalizada, ficou, portanto, concentrada na região dos brejos e alagadiços da planície de inundação do córrego" (GONÇALVES, 2014, p. 79-80). Não por acaso, foi exatamente nessa área que a infraestrutura demorou mais a chegar, resultando em uma urbanização assimétrica em um mesmo bairro. Embora, entretanto, houvesse uma concentração da população afro-brasileira nesse pedaço na virada para o século XX, não se deve restringi-la a ele, como sinaliza Schneck (2018). Da mesma forma, cabe pensar na ampla colaboração e influência cultural africana na formação do Bexiga e até os dias atuais, como destaca Castro:

(...) ao não vislumbrarmos uma prática política e ideológica, desde sempre consciente, no maracatu pernambucano, no jongo do Vale do Paraíba ou nas reuniões de sambistas do antigo Bexiga, encarando-as apenas como diversão, deixamos de apreendê-las como um movimento de resistência e sobrevivência diante de quatro séculos de opressão. (CASTRO, 2008, p. 32, grifo nosso)

Destacamos a palavra resistência: essa compreensão sugerida pelo autor nos ajuda a enxergar o Bairro na chave da disputa, não da conformação. E como, também, diz Alexandre (2021, p. 101-102):

É tradição, até hoje, seus integrantes percorrerem as ruas do bairro em cortejo, como uma mistura de agradecimento, demonstração de pertencimento ao território e ocupação do espaço urbano.

Se falamos então de uma tradição seletiva, fruto da desigualdade de poder que não dá conta da multiplicidade do Bairro (seja de identidades, étnico-racial, socioeconômica), cabe o desafio e o esforço de desviar a visão, "desenganar o olho" para ver outras tradições que ali estavam e estão. Em 1982, o sambista Geraldo Filme compunha justamente "Tradição", canção que enfatiza o papel do samba e a resistência negra na memória local: "Lembrança eu tenho da Saracura / Saudade tenho do nosso cordão / Bexiga hoje é só arranha-céu / E não se vê mais a luz da Lua / Mas o Vai-Vai está firme no pedaço / É tradição e o samba continua", diz a letra. Em uma leitura em confluência com o que propõe Castro (2008), entende-se o potencial da canção em evidenciar a história afro-brasileira nesse terreno, contrapondo certa ideia de tradição posta. Ao estudar a obra do músico, Azevedo (2006) atenta sensivelmente para a centralidade das pessoas em seu trabalho, ao modo como quem morava na área de várzea do rio vivia e socializava nesse território:



Ao cantar o Bixiga, uma zona particular e alternativa se abre como realidade possível onde o artista evoca sua temporalidade com a música em coexistência conflituosa com a temporalidade imprimida pela urbanização. Aí nessa zona ele revela seus desejos. Neles, o Bixiga possui sua marca principal não como espaço que se verticalizou e modernizou, mas como lugar construído e conquistado pelas pessoas que viviam na várzea do Saracura, um dos locais preferidos de encontro dos descendentes de africanos para jogar futebol e cantar sambas. Na música de Geraldo os seres humanos figuram como os protagonistas principais substituindo a arquitetura. (AZEVEDO, 2006, p. 48, grifos nossos)

Entende-se portanto que destacar a experiência das pessoas, valorizar a construção cotidiana em sua complexidade, diante do multiculturalismo – buscando sempre a acepção crítica do termo –, é tarefa fundamental para pensar o Bairro além da seleção, da hegemonia, como buscou-se descrever até aqui. Olhar a pessoa, não só a casa. Olhar o interior, não só a fachada. Olhar o que acontece nas brechas das narrativas oficiais, nas esquinas nos dias da semana. Fundamental, afinal, para pensar este espaço e a dinâmica que o molda, sobre a qual a segunda parte do artigo se aprofunda.

### 3. "NA RUA É OUTRA BATIDA": ESPAÇO VIVIDO COMO IDENTIDADE

Apesar das constantes transformações pelas quais a Cidade de São Paulo, a região central e o Bexiga passaram desde o período de urbanização, uma série de práticas, formas de morar e de viver permaneceram no Bairro, adaptando-se conforme a rotina e as necessidades locais, negociando o espaço e por vezes também resistindo nele. Muitas delas se relacionam com a informalidade profissional, como será visto em um exemplo de campo mais adiante, e devem ser observadas dentro de seus contextos, e não de forma saudosista. Cabe aqui, ainda que com limitações, aproximar o conceito de Williams (2011) acerca da "persistência de práticas residuais", sugestionando a importância simbólica delas, o motivo pelo qual elas "persistem" no tempo e no espaço. Diz ele:

Por "residual" quero dizer que algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais quanto sociais – de formações sociais anteriores. (...) Uma cultura residual está geralmente a certa distância da cultura dominante efetiva, mas é preciso reconhecer que, em atividades culturais reais, a cultura residual pode ser incorporada à dominante. Isso porque alguma parte dela, alguma versão dela – sobretudo se o resíduo é proveniente de alguma área importante do passado – terá de ser, em muitos casos, incorporada se a cultura dominante quiser fazer sentido nessas áreas. Também porque, em certos aspectos, uma cultura dominante não pode permitir que muitas dessas práticas e experiências fiquem fora de seu domínio sem correr certo risco. Assim, as pressões são reais, mas certos significados e práticas genuinamente residuais, em alguns casos importantes, sobrevivem. (WILLIAMS, 2011, p. 56-57, grifo nosso)

Ao conversar com moradores do Bexiga, destacam-se na identidade local, no que é característico dali, a moradia em casas compartilhadas, os pequenos comércios e a prestação de serviços, a centralidade da rua e o barulho humano que vem dela, bem como a memória do rio Saracura – hoje coberto pelo asfalto, resultado da obra da avenida Nove de Julho, feita entre 1929 e 1941 – e o uso do nome Bexiga, ainda que em 1910 ele tenha sido substituído por Bela Vista, transformado em distrito, e seja menos recorrente entre parte da população, embora não se apague. Diz Schneck (2010, p. 71-72): "Temos notícias de que, desde 1883, havia tentativas de alterar o nome do bairro, o que só ocorreu em 1910. Assim, a presença dos dois nomes parece indicar um fato, ao que parece, incontornável: a impossibilidade de apagar do imaginário popular o nome original pelo qual a região ficou conhecida". Entende-se que "Bexiga" segue vivo na dimensão de bairro, categoria que não tem limites geográficos rígidos validados pelo poder público, mais fluída e com variações a depender de quem a aciona – variações nas quais podem pesar o tipo de casario; os ritmos cotidianos; as formas de ocupação do espaço público; as culturas e memórias das populações locais; as relações entre amigos, vizinhos, famílias; as festas e construções comunitárias. Abaixo, retratos da paisagem do Bairro que evidenciam as características mencionadas pelos moradores.

Figura 4 - Identidade na paisagem: moradia coletiva, pequeno comércio



Figura 4 - Conjunto de casas da rua Almirante Marques de Leão (esq.) e pequeno comércio de reparos de eletrônicos na rua 13 de Maio (dir.), registros de 2018 | Foto: Adriana Casarotto Terra



Com "e" no original, "Bexiga" tem algumas versões: uma conta que o nome vem de um dos proprietários da chácara que originou o Distrito no século XVIII, Antonio Soares Calheiros – ou Antonio "Bexiga", apelido dado a ele por ter marcas decorrentes da varíola em seu rosto –, sendo a mais aceita por pesquisadores; outra alude a moradores portadores da mesma doença e a uma crença no poder de cura das águas do rio Saracura; uma terceira narrativa menciona um matadouro onde se vendiam bexigas de bois e porcos na região. Já Bela Vista foi um nome dado para afastar aspectos entendidos como pejorativos para este espaço, dadas as narrativas relatadas, como que buscando higienizá-lo. E Bixiga com "i" está ligado tanto ao modo como falamos quanto a uma turistificação da região: após quase seis décadas da adoção do nome Bela Vista, houve um fortalecimento de Bexiga para indicar o seu pedaço originário, o seu miolo – grafado com "i" no lugar do "e", priorizando a linguagem coloquial e apontado como uma forma "mais italiana" de se falar, o que parece ter tom de brincadeira, mas também impacta na ideologia. Scarlato (1989) observa que a denominação era de interesse de comerciantes descendentes de italianos para valorizar os seus espaços.

Adota-se aqui a grafia com "e", mas compreende-se que o nome com "i" se tornou amplamente popular, sendo interessante investigar se ele já não ganhou outros sentidos e apropriações para além da construção cultural seletiva. De toda forma, notou-se na pesquisa que é comum falar Bela Vista ou "BV" (as iniciais) mesmo dentro de uma dimensão de bairro e não de distrito. Há também quem fale Saracura, valorizando o núcleo negro da várzea do rio. As formas de pertencimento não são únicas. Tudo isso é rico para pensar a identidade local.

Buscando um consenso "geográfico", entende-se que o Bairro ocupa principalmente – mas não só – a parte mais baixa do Distrito, e que mesmo esta é composta atualmente por territórios e por uma série de lugares, como a questão do nome colocada parece reforçar. Esses territórios e lugares vão dizer justamente respeito à diversidade e a desigualdade locais, que devem ser pensadas em conjunto, a fim de que uma não esconda a outra, em uma leitura ora romântica (que não vê os problemas, naturalizando as assimetrias), ora padronizadora (que entende tudo como problema, precariedade).

Em campo, foi bastante presente a ideia de o Bexiga ser heterogêneo, com partes mais ou menos ricas ou pobres, mais ou menos verticalizadas, mais ou menos com determinados tipos de comércio ou uso da rua. O que daria uma liga, costurando esses pedaços, resultando na dimensão de bairro citada, seriam as relações que se estabelecem, características arquitetônicas, bem como a história do próprio local que se comunica por meio de instituições, atividades e eventos – mesmo com mudanças no espaço, tais como a abertura de avenidas ou o alargamento de ruas, fatores cujos impactos não podem ser desprezados nas dinâmicas do dia a dia que se alteraram no tempo. O geógrafo Souza (1989) diz que:



(...) o bairro pertence àquela categoria de 'pedaços da realidade social' que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações. (SOUZA, 1989, p. 149)

"Do que você mais sente falta quando não está aqui?", foi a pergunta feita ao morador Jorge Luis de Souza, 38 anos, paulista nascido no Bexiga, negro, formado em publicidade. Depois de pensar por alguns segundos, ele responde: "Eu sinto falta do barulho quando saio daqui" (em depoimento a TERRA, 2021, p. 89). Na época da entrevista, em abril de 2019, ele abria o bar que gerenciava por volta das 15h, onde ficava até a madrugada. Também tocava um projeto comunitário de lazer no trecho. Durante a conversa, em uma tarde ensolarada de dia da semana, quase uma dezena de vizinhos que passou em frente ao estabelecimento o cumprimentou de maneira afetuosa. Ele prosseguiu:

Aqui não para, tá funcionando tudo, e você funciona nesse tempo. Eu adoro isso. E é o lugar em que eu cresci, então eu adoro o pessoal. Toda hora aparece alguém, a gente troca uma resenha. Eu cresci em apartamento. Sempre morei em apartamento. (...) Mas a parte baixa, a rua, me convenceu desde sempre. É bom saber onde você está pisando. E conhecer lá pra baixo do morro. Para mim, a Bela Vista, nesse momento, ela é bem mais periférica. Acho que a diferença da periferia pra cá é que aqui é tudo perto de você conseguir as coisas. Quem só passa de carro não conhece nada daqui, agora quem anda, circula, convive, é outra pegada, outra batida.

O espaço vivido (FRÉMONT, 1980) se destaca na conversa: andar, circular. Pertencer àquele lugar. Na entrevista, o morador ainda citou as dificuldades socioeconômicas que testemunhou por ali, a convivência parcial diante das desigualdades de acessos – e a ideia de proprietários que só têm casas, não vivem mais no Bairro, mas ainda buscam interferir nas decisões locais –, além de situações de exclusão que jovens mais pobres enfrentam e que ele vê se repetirem, gerando um "ritual":

Eu gosto muito de ajudar as outras pessoas, coisas que não tive na minha infância e hoje vendo, tendo uma reflexão, acho que posso ajudar muito. Às vezes as pessoas não enxergam assim, quais as grandes dificuldades que têm aqui no centro. A gente tem muitas dificuldades: mãe que tem que sustentar cinco ou seis filhos, pais alcoólatras que não respeitam a família, adolescentes que com tudo isso acabam entrando na vida do crime. Que isso parece que é um ritual aqui do Bexiga, da molecada... Eu já fui moleque, já passei isso na pele e sei como é. O que a gente tenta a cada minuto é passar uma visão diferente, que isso vai estar presente mas não é uma coisa que pode ser eterna.



O ex-morador Marco Antônio, em entrevista de 2019, refere-se ao Bairro em que nasceu e cresceu, de forma carinhosa, como "nosso gueto", "nossa quebrada", o que não significa que ele não entenda o Bexiga como central. O trecho a seguir ajuda a explicar o sentido que ele imprime:

Eu nasci na [rua] Conselheiro Ramalho. Tinha um vilão daqueles tipo italianos, um casarão antigo. Era uma vila e aquilo ali era um cortiço. Eu morava num cortiço. No centro, Bela Vista, centrão da cidade, mas num cortiço. Daí fica meio difícil de você definir, porque aqui na periferia mesmo, onde eu moro, tem uns casarões, tem muita gente com grana. (...) Lá [no Bixiga] não era um bairro rico. Tinha os prediões da [avenida] Paulista, mas ali na Bela Vista onde a gente morava era pé no chão. Mas também não se compara ao que era a periferia onde não tinha asfalto, ali pelo menos a gente tinha asfalto. Inclusive eu não quis morar na periferia antes porque fiquei sabendo que onde eu ia morar a padaria era uma perua que passava. (...) Então pra gente o centro era Nova York, você entendeu? E depois também tinha a questão da informação na Bela Vista. Ali era um centro cultural. A gente tinha muita informação. E acho que tem mais a ver com assistência, as periferias são menos assistidas, e até certo tempo teve um tom pejorativo – e de fato tudo chegava, e chega até hoje, mais lentamente nas periferias. (...) Eu lembro que na época que a gente ia nos bailes a gente até ironizava o pessoal que morava nas periferias falando "ó os *pé de barro*", quando eles saíam com uma menina que a gente queria pegar. E pra eles a gente era "nego boy", "nego rico", "preto metido", como se a gente fosse os riquinhos. Mas na Bela Vista os nossos guetos eram diferentes dos guetos deles. A gente tinha mais informação, mais urbanização, mas era o nosso gueto, a nossa quebrada. (em depoimento a TERRA, 2021, p. 73, grifo nosso)

"Quebrada" ou mesmo "gueto" não têm um sentido simplesmente negativo, nem são palavras que aqui dizem respeito à localização, como sinônimos da periferia "geográfica": simbolizam união, formas de pertencimento. Aproximam-se à região tal como colocada por Frémont (1980), sinônimo de espaço vivido – visto, apreendido, sentido. Seja no depoimento de Marco como no de Jorge, que em outros momentos da entrevista se refere ao Bairro também como sua quebrada. Vale observar os pronomes: "nosso", "nossa". São percepções de dentro para fora, que reconhecem as dificuldades, mas enxergam os laços, valorizam as memórias de infância, adolescência, o crescer junto, se encontrar na rua, conversar<sup>7</sup>. Ambos os entrevistados partilham experiências no mesmo pedaço do Bairro, em diferentes épocas.

<sup>7</sup> No artigo "Contribuições para as definições dos conceitos *periferia* e *sujeitas* e *sujeitos periféricos*", D'Andrea (2020) coloca duas dimensões para abordar a noção de periferia a partir de seu uso pelos próprios moradores: a quantitativa – distância e pobreza – e a qualitativa – de denúncia das desigualdades e opressões, e de orgulho, potência (positivada). Entende-se aqui que não cabe compreender o Bairro como periférico, dado que a questão da distância e dos grandes deslocamentos não existe ali (é justamente o oposto: em campo, a sua proximidade à infraestrutura é ressaltada). No entanto, cabe observar como relatos de moradores e o uso de algumas expressões se relacionam tanto com a percepção das dificuldades socioeconômicas quanto com o orgulho territorial e a denúncia.

A ex-moradora Silvia, mineira, 48 anos, branca, produtora cultural, diz que hoje enxerga a Bela Vista como "a última comunidade central que lutou muito" (em depoimento a TERRA, 2021, p. 80): "De pessoas trabalhadoras mesmo, de mães, famílias que lutaram tanto pra manter ali com uma cara de comunidade. Só que parece que eles estão mandando a comunidade embora", disse ela em conversa que durou entre duas e três horas no bairro do Belém, realizada em janeiro de 2020.

A noção de comunidade também aparece em entrevista da moradora Solange Pereira de Sant'ana (em depoimento a TERRA, 2021, p. 155), funcionária da indústria aposentada, 58 anos, paulista, negra, nascida e criada no Bairro. Ela destaca como o local manteve um aspecto caloroso que o diferencia do centro da Cidade, citando as relações de vizinhança:

Ele (o Bexiga) é central, mas não tem nada a ver com o pessoal da República, entendeu, e outras áreas centrais. Uma parte especificamente da Bela Vista, você tem tudo na mão mas você tem essa coletividade, é o cabeleireiro, a mulher da floricultura que te cumprimenta e sabe sua história. Pode não ter aquela amizade, mas são pessoas que sabem quem você é. (...) Eu aviso meu filho que não vai dar tempo de fazer almoço e ele desce e pede no seu Nirlando uma marmita e [fala]: "depois minha mãe paga". Precisa fazer um trabalho, tira o xerox e depois eu acerto. E isso é muito bairrista, você só vê em vila. E aqui tem. Não sei te explicar por que, porque é região central, mas esse vínculo existe, não foi morto.

Nem tudo, claro, é harmonia. Bairro também significa conflito. Solange frisa as tensões acirradas com a subida de prédios na região a partir da década de 1970 – especialmente em relação ao barulho da Escola de Samba Vai-Vai, localizando aí uma perseguição histórica ao samba e o desrespeito a quem estava antes no território:

O bairro era tipicamente negro, e a gente só dividia com a italianada que se dava com negrada. (...) Depois dos prédios que começaram a maior parte dos conflitos, que o pessoal veio pro centro imaginando que ia estar só próximo ao centro, e não da comunidade da Bela Vista, que é a guerra, né. O que eu falo do Vai-Vai: "nossa, tem que parar o ensaio às 20h". Gente, o Vai-Vai chegou antes de todo mundo! (em depoimento a TERRA, 2021, p. 153)

Maranhense, o morador Ray Feitosa, 47, cabeleireiro, negro, chegou ao Bexiga em 1992. Ele compara o Bairro a um mosaico: fragmentado, heterogêneo. Formado em Direito e com cursos na área de cenografia, conta ter enfrentado preconceitos ali, em especial em relação ao modo de falar (expressões, sotaque), o que o fez inclusive se munir de argumentos para mostrar como seu vocabulário estava "dentro da norma culta", relata. Com o passar dos anos, diz ter construído um local onde se sente acolhido, um lar: "[Porque] eu não sou mais uma pessoa estranha no barzinho, no açougue, na padaria.



Nosso bairro ainda tem alguns comércios que fazem venda no caderninho. Quando a gente fala de raiz são inúmeros fatores" (em depoimento a TERRA, 2021, p. 76).

Em campo, foi ouvido também o comerciante Segismundo Bruno (1947-2020), com 72 anos na época (março de 2019), paulistano, branco, descendente de italianos que se estabeleceram no Bairro no início do século XX. Durante a entrevista de cerca de duas horas em frente a seu comércio, um café na rua 13 de Maio, ele ressaltou sua preocupação em não romantizar as desigualdades do Bexiga, onde cresceu. Disse que ainda via ali, no entanto, alguma solidariedade e contato humano: "Bem ou mal as pessoas se comunicam, se conhecem de certa maneira" (em depoimento a TERRA, 2021, p. 76).

Nas conversas com moradores e na observação cotidiana, foi se destacando um dia a dia que rasura um imaginário de metrópole dominada pelos grandes edifícios e grandes comércios, pelas avenidas e por uma dinâmica de impessoalidade onde a cidade é vista mais como lugar de passagem. O centro seria essa representação clássica, embora tenha passado por processos de abandono (com a centralidade econômica se deslocando para o setor sudoeste, levando à narrativa da "degradação") e retorno da burguesia (levando à narrativa da "revitalização") desde o período de urbanização, resultando em uma série de camadas sociais, históricas e ocupações que o complexificam. A seguir, registros de dois comércios distintos do Bairro.

Figura 5 - Culturas residuais e práticas cotidianas



Figura 5 - Merceria na rua Major Diogo (esq.), 2019, e comércio informal em janela de casa na rua Rui Barbosa (dir.), 2021, parte do cotidiano local | Fotos: Adriana Casarotto Terra

Diz SANTOS (2017, p. 42): "(...) se a Europa e sua população eram perseguidas como sinônimos de civilização, desenvolvimento e progresso, a cidade de São Paulo era vista como a que mais se civilizava, desenvolvia e/ou progredia na Federação, porque supostamente era a que mais se europeizava". Importante atentar ao "supostamente": este é um projeto que não se realiza de forma plena, pois a



dinâmica do dia a dia não pode ser facilmente dominada, ainda que as pressões sejam constantes. As características expostas por Bruno, Jorge, Marco, Ray, Silvia e Solange – vida na rua, comunidade, relação pessoal no comércio – são práticas que se mantêm, reinterpretam-se, negociam com outras instâncias. Nunca deixaram totalmente de existir, seja no Bexiga ou em outras partes da região central da Cidade de São Paulo, embora tenham sido desconsideradas em muitas narrativas acerca desse espaço. O morador Ray fala da venda no caderno: é válido também pensar se sua manutenção não é mais resultado da informalidade local – o pequeno comerciante sabe que precisa daquele consumidor que nem sempre tem o dinheiro para pagar no dia da compra – do que uma ação contra-hegemônica. Ou se ambas as alternativas cabem, em alguma medida.

Convém diferenciar as práticas abordadas aqui dos "costumes folclore" dos quais fala Frémont (1980, p. 243). Nesse caso, elas se relacionam de forma dinâmica com o espaço: não são mera reprodução do passado (o que também pode existir no mesmo Bairro), mas modos de vida que se preservam entre muitas pessoas, em articulação com o presente, envolvendo novos atores e contextos. Não são menores, embora algumas se aproximem das culturas residuais (ou seja, constituam "resíduos" de formações anteriores): para muita gente, essas práticas permanecem vivas e são centrais porque são parte de uma rotina que não pode ser simplesmente destituída por projetos de poder. A questão é como a cultura dominante nem sempre as reconhece, ou quando as reconhece as incorpora adaptada. Não estão alienadas do espaço vivido, que o autor conceitua, mas são fruto dele. Diz Frémont (1980, p. 242):

A alienação esvazia progressivamente o espaço dos seus valores, para o reduzir a uma soma de lugares regulados pelos mecanismos de apropriação, do condicionamento e da reprodução social. O homem, estranho a si próprio e aos outros, torna-se também estranho ao espaço onde vive. O espaço vivido, ao contrário, deveria participar na produção dessa ideia sempre nova: a felicidade. Neste difícil caminho, devem ser afastadas duas ilusões: as nostalgias passadistas e os reordenamentos dogmáticos. Uns e outros procedem igualmente do mesmo idealismo. (grifo nosso)

Entre as práticas observadas no Bairro, para além do que foi ouvido em entrevistas, um caso acompanhado em campo é interessante para pensar na valorização dessas experiências, jogando inclusive com a hegemonia. Em 2018, a rua Maria José foi cadastrada no projeto Rua de Lazer da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de São Paulo, o que significa seu fechamento para automóveis aos domingos, permitindo que uma série de atividades que já eram costumeiras ali sejam exercidas de forma melhor: do futebol realizado em uma quadra em formato de losango a churrascos reunindo famílias, *shows* de *rap* e samba, rodas de capoeira, brincadeiras infantis, rede de vôlei armada para jogos, apresentações teatrais. Não se trata de um simulacro, nem da apropriação dessas práticas pelo poder



público – a iniciativa vem, afinal, dos moradores. Quando não é domingo, essas atividades não são estranhas a esse espaço. Isso porque muitos lugares do Bexiga parecem escapar "aos rigores das normas rígidas" das cidades, evocando aqui pensamento de Milton Santos:

Ao mesmo tempo, parcelas significativas do espaço geográfico, situadas sobretudo nas cidades (especialmente as grandes cidades dos países subdesenvolvidos), escapam aos rigores das normas rígidas. Velhos objetos e ações menos informadas e menos racionais constroem paralelamente um tecido em que a vida, inspirada em relações pessoais mais diretas e mais frequentes e menos pragmáticas, pode ser vivida na emoção e o intercâmbio entre os homens é criador de cultura e de recursos econômicos. (SANTOS, 2006, p. 145-155, grifo nosso)

O geógrafo fala sobre “espaços luminosos” – “obedientes aos interesses das empresas”, regidos pela lógica mercantil-midiática, os ambientes dos “acelerados” – e “espaços opacos”, aqueles “do aproximativo e da criatividade”, produzidos pelos “homens lentos” em suas práticas cotidianas (2006, p. 220). Olivieri (2012, p. 66) desdobra um diálogo com esses conceitos, pensando a relação luminoso-opaco não como de dualidade, mas como de oscilação – e Santos (2006) fala de justaposição, contraposição. Uma abordagem que também cabe ao local estudado, diante dos relatos ouvidos em campo: ele não é uma coisa só.

Opacidade não é uma ausência de luz, um breu. Inclusive, ela precisa de alguma luz para se manifestar. Seria, antes, uma resistência à luz, uma tensão que dificulta a penetração luminosa, uma “sombra” que impede a formação de uma imagem plenamente visível, nítida, legível. É pela presença de opacidade que, numa cidade, sempre vai restar algo de indeterminado, de indecifrável, de inacessível, algo “que não se deixa apanhar”. (OLIVIERI, 2012, p. 66)

A seguir, registro de campeonato de futebol organizado anualmente por moradores.

Figura 6 - Espaço público e lazer: futebol tradicional



Figura 6 - Futebol em campeonato realizado no largo Maria José, 2019 | Foto: Adriana Casarotto Terra

A produção dos lugares que compõem o Bexiga parece então nascer do desenrolar das relações sociais, das crenças e paixões, do jogo entre os espaços abertos ao acaso com os espaços controlados. Sendo o Bairro, por fim, essa relação entre elementos não só da paisagem, morfológicos, mas ideológicos, identitários, que também disputam entre si, em um processo que é executado especialmente no cotidiano de quem circula por ele – daí a sua importância fundamental.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto buscou mostrar o valor das sociabilidades e das práticas da rotina na constituição dos espaços a partir do Bairro do Bexiga, em São Paulo. O caso é interessante por se tratar de um local em que a ideia de tradição seletiva (WILLIAMS, 2011) operou e ainda opera muito forte, onde o passado eleito como relevante não corresponde a uma visão plural da história, mas a um recorte dela, privilegiando quem pôde deixar sua memória impressa na arquitetura, nas grandes narrativas. Se em uma sociedade racista e classista, de aspirações europeizantes, a casa pode "enganar o olhar" (SODRÉ, 2002), o que nos ajuda a "desenganá-lo", enxergando mais camadas, mais informações?

Bairro-fragmento, como dito por um morador, o Bexiga vive entre centro e "quebrada", entre vertical e horizontal, entre brincadeiras na rua e lazer privado, entre diversidade e desigualdades de acessos. Na dinâmica cotidiana, sua identidade se reinventa: sobrevivem nele algumas práticas residuais, não descoladas da realidade, mas em relação com ela, resistindo pela importância de seus rituais, pela força que a imposição de projetos de cidade não dobra tão facilmente, inteiramente. Elas coexistem com novas práticas; ora tensionam, ora criam elos. Há diálogo no dia a dia do Bairro, em suas esquinas. "Eu sinto falta do barulho quando saio daqui", diz um morador. Há barulho de gente, e não só de carro, em suas ruas; há encontro e conversa de vizinhos em suas calçadas.

Bairro-fragmento, ele é Bexiga, mas por vezes também é Bela Vista (nome do Distrito em que se encontra). Ou então BV, Saracura, a depender de quem fala e das questões que aciona em sua fala. Ele tem lugares e territórios. Vira bairro – denominação mais fluida, sem limites definidos – justamente na comunicação entre esses espaços: nas festas que conectam pedaços dele; nas instituições que se relacionam, se ajudam, por vezes atiram; nos tipos de casa característicos; nos tipos de moradia; nas famílias que ainda se conhecem, mesmo diante da espoliação que desde o início da urbanização expulsa a população mais pobre, especialmente a negra, dali; ou na dimensão da escola de samba como produtora de sociabilidade e pertencimento, fundamental na manutenção da identidade afro-brasileira no Bairro e na Cidade de São Paulo, para muito além do desfile de Carnaval ou do entretenimento.



Nesse território, o cotidiano nos convida a encarar a complexidade das experiências, a importância dos usos dos lugares. A força dos espaços opacos (SANTOS, 2006), inorgânicos, abertos ao acaso; o jogo diário, a conversa e as sobreposições entre o misterioso, o lento, e o que busca mecanizar a vida. Mais do que construções de cimento, o cotidiano nos convida a observar as construções humanas que existem ali. Ou como as construções de cimento são, afinal, preenchidas de sentido pelas pessoas no dia a dia: gente que está há muito tempo ali, gente que chega, que vai.

O cotidiano também nos chama a atenção para um bairro central, mas onde um imaginário e um projeto de centro de São Paulo derivados de certa visão de progresso excludente não se completam – seja na resistência de populações mais pobres (o que não deixa de beneficiar as classes dominantes nem de evitar desigualdades, já que a hegemonia encontra seus modos de fazer usos do território: um exemplo é o lucrativo, quando não abusivo, aluguel de pensões e cortiços), seja nas práticas sociais; um bairro central e muito antigo, cuja identidade por vezes é adaptada e utilizada conforme conveniente pelo poder público e pelo mercado, mas onde a ideia de lugar-produto, encaixotado em uma tradição seletiva ou em um multiculturalismo corporativo, não resiste a um olhar mais atento, mais desconfiado.

Entre determinado projeto de futuro e determinada nostalgia de passado (que por vezes andam juntos, servindo aos mesmos grupos e desconectados do território), há o espaço vivido (FRÉMONT, 1980) que desafia, como quem diz: tem mais coisa nesse meio, tem mais assunto nessas brechas. Tal como o barulho das pessoas ou as esquinas e "quebradas" mencionados por moradores nas entrevistas: é preciso ouvir um, é preciso estar nas outras.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, C. **Orixás no Terreiro Sagrado do Samba - Exu e Ogum no Candomblé da Vai-Vai**. São Paulo: Griot, 2021.

AZEVEDO, A. M. **A memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-áfricas em São Paulo**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC), Departamento de História, São Paulo, 2006.

CASTRO, M. S. de. **Bexiga: Um Bairro Afro-Italiano**. São Paulo: Annablume, 2008.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos de periferia e de sujeitas e sujeitos periféricos. **Dossiê Subjetividades Periféricas**, Novos Estudos - Cebrap, v. 19, p. 19-36, 2020.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.



FRÚGOLI JR, H. **Centralidade em São Paulo: Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole**. São Paulo: Edusp, 2000.

GONÇALVES, T. **O lugar-samba no Bexiga: memória e identidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2014.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JAYO, M.; VARGAS, D. V. **Para uma história dos Arcos do Bixiga**. Vitruvius, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.239/7672>. Acesso em: 29 jun. 2021.

KOGURAMA, P. A saracura: ritmos sociais e temporalidades da metrópole do café (1890-1920). **Revista Brasileira de História. São Paulo**, v. 19, nº 38, p. 81-99. 1999.

LOPES DE LIMA, A. L. Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bixiga. **Revista Argumentos, [S. l.]**, v. 17, n. 1, p. 153–177, 2020.

MACLAREN, P. **Revolutionary Multiculturalism - Pedagogies of Dissent for the New Millenium**. Boulder: Westview Press, 1997.

NASCIMENTO do, L. No Bixiga nem tudo é italiano: relatos de vivência sobre um bairro da região central de São Paulo. **Pensando Áfricas e suas diásporas**, v. 1, n. 1, Mariana (MG), 2016.

OLIVIERI, S. Breve relatório sobre a primeira de uma série de opacificações urbanas. **Redobra**, n. 10, Salvador, 2012. Disponível em: [http://www.redobra.ufba.br/?page\\_id=54](http://www.redobra.ufba.br/?page_id=54). Acesso em: 9 out. 2020.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Arquitetura residencial brasileira no século XIX, pp. 14-5 (manuscrito). Cf. Schwarz, Roberto. In: **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SANTOS, C. J. F. **Nem tudo era italiano – São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SCARLATO, F. C. **O Real e o Imaginário no Bairro do Bexiga : Autofagia e Renovação Urbana**. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

SCHNECK, S. **Formação do Bairro do Bexiga em São Paulo: loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SCHNECK, S. Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931). **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 26, e. 24, 2018.





SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 51, 1989.

TERRA, A. C. **Entre centro e periferia**: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WISSENBACH, M. C. C. **Sonhos africanos, vivências ladinas**: escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

#### Documentos e mapas

FIGURA 1. **Planta da Cidade de São Paulo**. Companhia Cantareira e Esgotos, 1881. Escala: 1:100. Fonte: Sempla

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População no Censo 1950**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/?view=detalhes&id=767>. Acesso em: 30/07/2021.

#### **Sobre as autoras:**

##### **Madalena Pedroso Aulicino**

Professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994) e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004).

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7851122716655864>

E-mail: mada.lzt@usp.br

##### **Adriana Casarotto Terra**

Mestra em Filosofia pelo programa de Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6564355470320116> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0033-4698>

E-mail: adriterra@gmail.com

**As autoras contribuíram igualmente para a redação do artigo.**



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 15, N.02., 2023, p. 944-967.

Madalena Pedroso Aulicino e Adriana Casarotto Terra

DOI: 10.12957/rdc.2023. 61872 | ISSN 2317-7721